

Barcellos, 20 de agosto de 1899
Numero 24—VII Anno

A LAGBIMA

Quinzenario Illustrado

Ed. José F. da Silva—Red. e Off. Typ. Barcelense



D. MANUEL BAPTISTA DA CUNHA

Arcebispo de Braga, Primaz das Hespanhas

A LAGRIMA

A Camara Municipal

Recebemos a carta que se segue:

«... Sr. Redactor:

¿Não me explicará no seu popular e excelente quinzenario a razão por que tem poupado com critica mordaz e persistente a Camara actual, o que não succedia quando tinha o seu mandato a Camara regeneradora?

¿Será, sr. redactor, por os camaristas de hoje serem mais seus amigos, mandando ao Porto, por intermedio do sr. Manoel Leite, fazer os impressos da sua secretaria, quando estamos certos de que V. os faria em Barcellos perfectos—e com mais economia para o municipio?»

Primeiro temos a declarar que quando condemnamos os actos d'uma corporação, quer seja a Meza da Santa Casa ou a Camara Municipal, não vemos amigos. Estes são unicamente para as nossas relações particulares. O jornal nem sempre é um homem que falla—mas uma ideia.

Acima de tudo temos a Razão e a Justiça.

Se a Camara não é patriota mandando fazer os trabalhos typographicos que precisa, ao Porto, com isso nada tem que ver a «Lagrima», periodico, mas sim o individuo industrial.

Não havemos sido persistente na analyse aos actos da Camara Municipal, porque nenhum caso anormal se antolhou á nossa observação.

Hoje, porém, que estamos a contas com a visita da peste bubonica, o caso muda de figura.

Vamos, pois, *expontaneamente*, escrever algumas considerações a tal respeito, mas não o fazemos porém como *politicos*, que não somos, mas como auxiliares da nossa primeira corporação.

É' Barcellos uma terra bem situada, cheia de boas communicações em macadam e em linha ferrea; com bellos horisontes; á beira do Porto, de Braga, de Vianna, da Povoia; um mercado de primeira ordem, e um rio excelente.

Tendo tudo isto, possuindo tudo isto, só tem o grave—e já notado—defeito de ser pouco cuidada na hygiene.

Primeiro que tudo falta-lhe agua nas suas fontes, nos seus chafarizes, nos seus marcos fontenarios, com a abundancia precisa.

Em cidades amoraveis, a distribuição d'agua é feita equitativamente nos domicilios, por um preço relativo ás posses do inquilino ou proprietario.

Em Barcellos bastaria sómente depositar grande porção d'agua no Fayal, conduzil-a aos pontos mais necessitados, não a marcos fontenarios phantasiosos e caros, mas fortes e simples, fechados com alavanca, como se vêem na Regoa e parecidos com os que se obser-

vam em algumas estações de caminho de ferro.

O serviço de esgotos na villa é pessimo e chega a ser um attentado á villa barcellense a fórma como—principalmente—está construido o cano de escorrencias da viella de traz da rua Direita, que represa as immundicies para ganharem ponto e terem depois *vasão!*

O moderno typo dos canos quadrados, já ha muito que deu logar aos de fundo em fórma d'angulo, para um pequeno volume d'agua os lavar.

As bocas de lobo estão ahí em diversos pontos, a exhalarem pestilencias, porque não obedecem aos requisitos da hygiene.

A Praça de D. Pedro V, que é um aconchego delicioso de verdura, tem uma retrete nojenta que, juntamente com as mezas do peixe saturadas de porcaria, *arrazam* os pulmões aos que ali permanecem por dever de oflicio ou procuram a sombra acariciadora das arvores.

Com uma desfaçatez, ignorancia e derrespeito, *cebam-se* suínos no interior das casas e conhecemos nós algumas onde a pouca cubagem de ar, que malchega para duas pessoas, alimenta a animalidade do marido, da esposa, dos filhos, da porca e dos bacosos.

As sentinas, no coração dos predios, com os canos de madeira bem *anunciados* que só servem para *escrophular* a familia, são a cousa mais antiquada e estúpida, que é dado examinar-se.

Na rua do Bom Jesus da Cruz ha fétidas escorrencias de sentina, para a calceta e um cheiro nauseabundo de sardinha pôdre.

Na Bagoeira, uma retrete mal cuidada e sem construcção propria, alarga um aroma de *rosas* por aquellas redondezas, que póe a pituitaria a tratos de polé.

A Cadeia, as ruas, os ourinoes; tudo, tudo, conspurca esta terra que «desesete mil peitos viu armados».

O novel barbeiro Anselmo Ferreira Valle, da officina do nosso João Freitas, iniciou-se no jornalismo d'esta terra, como correspondente para a «Vanguarda».

Fórma já uma cousa assim como ataque aos Jesuitas—que não queremos defender *nem atacar*—.

Fal-o como corrente e *dandysmo* da epoca e não como um caso de observação historica á vida da Companhia.

É' mau symptoma este modo de proceder, seja contra a Deus ou contra o Diabo.

Nós entendiamos, para bem das letras barcellenses, que o nosso patricio escrevesse cousas mais suggestivas.

Sobre a corpulencia dos melões de Villar, seu aroma seu sabor; sobre aquella historia do

A LAGRIMA

«menino mal intencionado, que se lembrou um dia de afogar um cão»; sobre as cantigas das lavadeiras do nosso Cavado, debaixo de um sol ardente e ao som estalante da roupa nos lavadouros; sobre a poesia bucolica das margens do nosso rio, a horas eropusculares; sobre os bocejos dos merceiros endinheirados; os espreguiçamentos dos brasileiros ricos; os arrotos flululentos de velhas decrepitas.

O sr. Anselmo deve antes acreditar as bebidas do vinho verde em vez da cerveja choca, do chá seccante ou do antisoporifero café.

Convém-lhe estudar os mais modernos e *chics* trabalhos de sociologia, fazendo crer que as revoluções de hoje se fazem «menos com polvora e mais com o cerebro».

«Que o pão é liberdade e liberdade é pão».

Depois deverá experimentar una agradável omnipotencia de saber sobre a ignorancia do freguez, a quem rapa a barba passa-piolho ou apara a barba á Guise,—superior isto áquellas insensas banalidades das *chegadas* e *partidas*, que escreve para satisfação dos que gostam de ver o seu nome em letra redonda.

¿E sobre os males physicos que affligem a humanidade? Andava bom em saber-lhe os *symptomas*.

¿Queim sabe se o amigo Anselmo tem mesmo a *bicha solitaria* e andaria melhor tomar *santonina*, em vez de escrever?

O uso da boga está em voga, como patrioticamente já o demonstrou o nosso querido Pancrácio.

Vendem se ás vezes vinhos que até parecem feitos d'uva...

Mas vamos direitos ao que agora interessa—não os falsificadores—mas sim os que gostam d'ellas velhas e boas...

Houve ha annos aqui em uma freguezia do nosso vinhateiro concelho de Barcellos um individuo conhecido pelo cognome do Cego de Reborido, que tinha vinho para vender; pouca cousa; eram approximadamente uns cinco almudes. Porém, a escassez do producto tornara-o, então, caro, raro e procurado, e apparecendo dous compradores ao Reborido este tratou da venda do nectar.

Entraram elles um dia pela porta dentro da casa d'esse individuo, acercaram-se da vasilha que continha o liquido comprado, para o levarem.

Reborido fôra pedir um embude a um visinho, aproveitando, na saída, occasião para elogiar a sua pinga, *só de uvas*.

A curiosidade ás vezes não é má e um dos compradores, na ausencia do lavrador, destampou o batoque, metteu dentro um pau para calcular a porção de vinho e, tirando-o, reparou e o companheiro que a elle vinham apegar-

dos uns bagos pequenos e muito pretos, que conhecera.

Reborido entrou e um dos sujeitos:

—«Então o sr. diz que o vinho é de uvas!»

—«E é, juro-lhes».

E era, effectivamente, em parte, mas de uvas de cão...

Isto de a gente—sendo casada—pregar uma infidelidade á cara metade, sem vergonhas do mundo, pela calada da noite, é uma cousa que não deixa de ter lugar, quando a esposa a ignora.

Mas sabendo ella quem é a requestrada, a hora a que o marido tem de fallar-lhe—á meia noite—o sitio certo da entrevista e collocar-se n'elle á sua espera, muito embuçada, chegar o infiel e levar uma data de chenela, deve ser o mesmo que um banho de chuva inesperado.

Fica-se *zurato!*

O Jejum, apesar de ser Jejum, não gosta de estar sem comer.

A carne é fraca e o lambão atirou-se a ella, na Povoia de Varzim, mas de pagar... *nicles*, por que se julgava no Torres, ao lado do Carra Alta, a gastar o rico dinheirinho da subscrição das barretinas. Adiantel!

O Jejum foi detido na cadeia d'aquella villa e ainda lá estaria senão fosse um telegramma que d'aqui mandou o sr. de Marrancos ao regedor da Povoia: «Solte já o preso Jejum, e mande-o a pé para Barcellos, que tem a peste *barbónica*».

Veio de regedor em regedor, por causa do contacto e foi desinfectado pelo pharmaceutico Paes de Faria, em Barcellinhos, na taberna Voluntaria.

No Louro, freguezia de Famalicão, ha um patêgo *sympathico* que larga o arado—parece Viriato!—para... *empunhar* uma penna e escrever correspondencias ao «Minho», d'aquella villa.

Como, porém, quem sabe manusear a graveta, o alvião, o arado, nem sempre se serve com pericia do bico de lança—ou que taes—escreve asneiras que te parto!

E' assim que nos fez móssa vêr escripto do Louro para o «Minho», n'um portuguez desrabado, que a banda Barcellense tocou mal n'uma festa que ali houve.

Não queremos entrar nos dominios da *critica* dos clarinetos e rectaguardas, mas simplesmente observar ao correspondente que quem tem os timpanos educados muzicalmente ao rinchar do cavallo, ao balir da ovelha, ao latir do cão, ao mear do gato, não sentirá—ouvindo a «Marcadante»—bôa impressão, devido

A LAGRIMA

isso a uma extranha commoção, ou será, então o *refractorio* á arte de Mosart, como o jumento.

O' *louro*—sem sêres Lourenço ou da *Louvinhã*—dá cá o pé, mas para te pregarmos uma ferradura!

Na mesma correspondencia diz o mesmo conspicuo e preclaro informadôr que «no fim do *Te-Deum*, a banda *Barcellense*»...

Basta!... E' *fechado*... e bonda.

Ora *Te-Deum* foi cousa que não houve na egreja do Louro no dia da festa.

Confunde *alhos* com *bogalhos*.

Faz lembrar um tasqueiro da sua freguezia a quem se pedía um *quartilho* de 25 e como não fosse bom, outro de 30, e o bexigueiro tirava-o da mesma pipa, dizendo que o tinha *todo misturado*.

«Alma Rubra» de Campos Lima—Um pequenino livro, cuidadosamente impresso e contendo seis artigos intitutados—«Alma Rubra», «Emile Zola», «Na Lama», «Evolução em Braga», «Duas trapaças» e «Livros da minha estante.»

Recebemos a amavel remessa e agradecemos, tanto mais que, na sua rapida leitura, encontramos-lhe um travor de analyse e uma orientação mais experiente, indicando-nos que um trabalho cuidado, aturado e pratico levaram o auctor da «Alma Rubra» a um estudo mais profundo, como seja definir o estado psychologico das almas e inicial-as para a regeneração do espirito.

Quanto á evolução social, o auctor trata do assumpto evidenciando a sua opinião com aquella exaltação propria d'um revoltado, que ambiciona a liberdade de pensamento, a par do movimento libertario que a coacção resume a um ambito hem restricto.

Novamente agradecemos.

Desde Horacio até Zurato, todos são conformes em conceder ao José dos Pretos o titulo de poeta e homem de partidas, como Bocage.

Ha só uma differença é que o fallecido poetrasto era muito mais cheio do corpo e tinha exame de instrucção primaria, quando José dos Pretos é analfabeto, como aquelles que não sabem lêr.

A prova que elle se parece com Bocage está n'isto:

Foi convidado por dous amigos a ir beber uma pinga de vinho a S. Martinho de Villa Frescainha e, uma vez ali chegado, disseram-lhe que tinha de ir mais adiante, até Creixomil. Acceheu do melhor grado o nosso amigo e lá foram os tres n'um chouto certo.

Em Creixomil, José dos Pretos suando a bom suar, com uma grande seccura na gargan-

ta, teve de regressar a *penates*, sem provar o prometido vinho.

O *desespero* que se apossou d'elle foi tão grande que lhe provocou uma *colica*, da qual se começou a queixar em Mariz.

Amparado pelos dous amigos, assim veio estrada fóra, pelo seu pé, porém em S. Martinho as dôres subiram de ponto e José sentouse, fazendo vincar o rosto de sotrimento.

—«Ai, ai Jesus. eu morro com certeza!»

E atava as mãos na barriga.

Em casa do Antonio da Praça fizeram-lhe um chá de casca de pepino, que, tomou sem bom nem mau effeito.

—«Bem—diz um dos amigos do José—aquí é que elle não fica e vae de cadarinha».

Deram se as mãos, fizeram n'ô sentar n'ellas, e assim trouxeram o doente, para Barcellos.

Ali atraz da Praça José apeiou-se d'um salto, dizendo, em verso sem metro:

—«Pro diabo que os leve
Seus grandes manriões!
De vinho nem uma gota,
P'ra consolar os pulmões...»

A pé é que eu não vinha,
Escando muito suado.
Vou beber ao Cardoso,
Estou-lhes muito obrigado».

Notas Diversas

Re'ação dos objectos com que concorrem alguns cavalheiros de Barcellos á exposição de Paris.

Manuel da Barca, um Christovinho, grande, de chumbo,

João Lilha, uma obra scientifica provando que o individuo atacado da peste bubonica estando den ro d'agua uma hora—sómente com os pés de fóra—não morre d'esse mal.

Ricocas, ovos de aves e mamíferos.

José dos Pretos, chancas de liga, impermeaveis ao sol.

O Chinca, o sol parado por Moyses n'um palmo quadrado de folha de Flandres.

A Maricas Granja, um rol de roupa suja, feito de cascas de cebola.

O sr. Rubin, além de queijo, vinho com asucar.

* O Vergolin vai tocar tarolla na banda Barcellense. O Bumba a tocar *caxica*... De cubocadura é olle un assobio de primeira.

Do sr. administrador

Alguas pessoas em Barcellos retiram os porcos de casa sómente emquanto não se effictua a visita sanitaria, para voltarem depois com elles a fazer *chiqueiro*.

São mais *porcos* que os proprios porcos.